



A ARTE

MUSICAL

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



14^{bis} BOUL^d POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S. T HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE

BECHSTEIN

LUVARIA

GATOS

260, RUA AUREA, 270

LISBOA

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de
 gravatas, colla-
 rinhos e pu-
 nhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES & C.^A

108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

Michel'angelo Lambertini

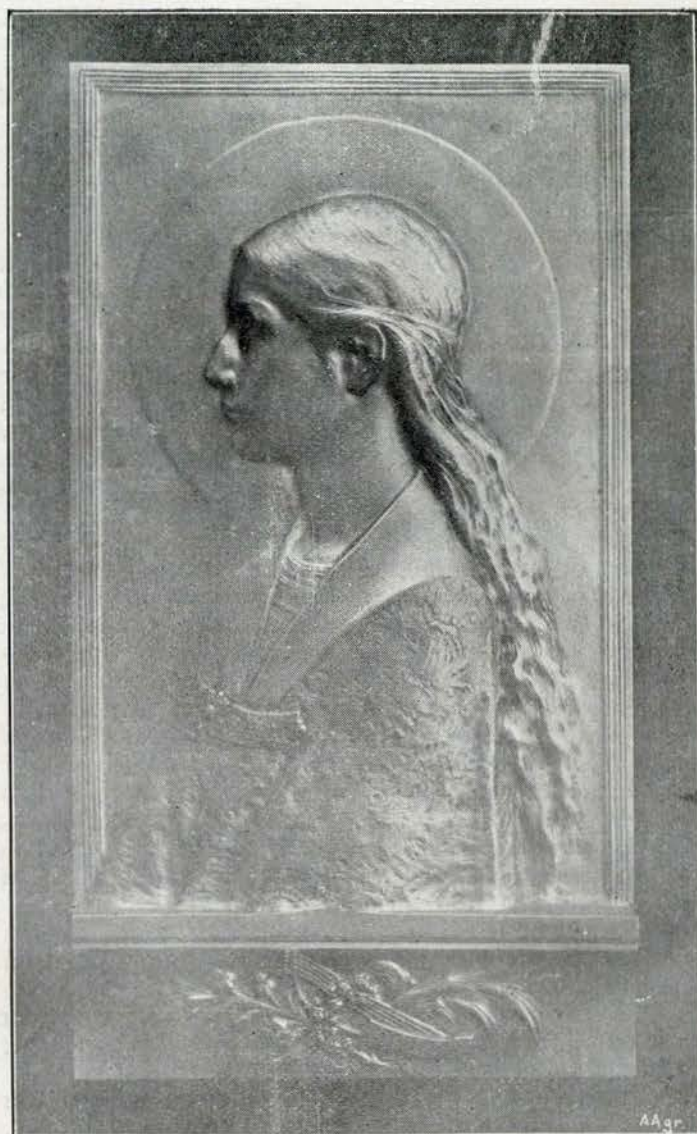
LISEOA

Rua da Assumpção, 18 a 24

Redactor principal e editor

Ernesto Vieira

SUMMARIO - Santa Cecilia. - Lucien Capet. - A expressão musical. - Concertos. - Noticiario. - Bibliographia.
- Edição: da casa Lambertini



SANTA CECILIA

Reprodução de um baixo relevo em bronze de A. Leonard

S. CECILIA

Passou a 22 de novembro a data que a christandade consagrou á virgem Cecilia, a doce padroeira dos musicos, e não vem fóra de proposito lembrar aqui qual fosse a vida exemplar d'esta creatura d'eleição e quaes as circumstancias que deram origem a que fosse considerada como protectora da musica e dos seus cultores.

Viveu Cecilia nas primeiras eras do Christianismo na cidade de Roma, sob o imperio de Marco Aurelio e de Commodo. Estamos pois em pleno seculo II da era christã.

Pertencia esta heroína da virtude a uma familia patricia e os seus antepassados eram de uma nobre raça de pagãos, a que nenhum genero de illustração tinha faltado. Parecia hereditaria a virtude das mulheres d'esta familia e muitas d'ellas legaram o seu nome á historia: Cecilia, mulher de Metello o *Balarico*, da qual refere Cicero muitas particularidades maravilhosas: Cecilia, filha de Metello o *Dalmatico*, primeiro casada com Emilio Scauro, depois esposa do dictador Scylla e ainda outra Cecilia, filha de Metello o *Cretico* e mulher do romano Crasso, que em sua honra fez erigir um magnifico mausoleu, ainda hoje existente na Via Appia.

Uma outra avó da nossa padroeira, Caia Cœcilia, mulher de Tarquinio o *Antigo*, teve uma estatua no Capitolio e, apezar de pagã, foi elogiada por S. Jeronymo como um dos mais brilhantes exemplos da pudicicia conjugal entre os gentios.

Deviam ter sido já christãos os paes da santa protectora da Musica. Os *Actos* de Santa Cecilia dizem que desde o berço foi instruida e educada na sabedoria da verdadeira fé e que, attingindo essa idade em que as jovens romanas tinham por costume libertar-se do regaço maternal, frequentava livremente as assembléas dos christãos.

A vida exterior da joven Cecilia era em tudo conforme com a classe e condição da sua familia; habitava em opulento palacio, ornado das imagens, dos tropheus e das côas de seus avós e decorado com toda a pompa romana.

Ainda hoje existe na região do antigo campo de Marte um templo com a invocação de Santa Cecilia, onde se lê a seguinte velha inscripção:

Hæc est domus
in qua orabat
Sancta Cœcilia

e era effectivamente ahi a residencia da nossa virgem martyr.

Gostava de recolher-se aos aposentos mais afastados da casa e, em fervorosa oração, expandir ali o seu coração e a sua alma aos pés da cruz.

Esse Mestre divino que appareceu no mundo para ensinar os homens e que os alumiou e resgatou pela luz e pela virtude do seu sangue, chamava-o ella por seu amor, sentia-o, ainda que invisivel, como presente e, junto a si, noite e dia, sem cessarem suas praticas espirituaes com Elle.

E para que o seu coração, transportado d'aquella affeição poderosa, jámais deixasse de pulsar pelo objecto do seu amor, constantemente repousáva sobre seu peito, encoberto pelos vestidos, o livro dos Evangelhos, onde Elle deixou sob a apparencia da letra morta, suas palavras vivas¹.

Era Cecilia de pequena estatura e excepcionalmente formosa, não d'essa belleza provocante que embriaga os sentidos, mas da que commove profundamente as almas, porque haure de fontes superiores o seu vigor e força, deixando vêr atravez do veu transparente das fôrmas tudo quanto póde haver de mais attrahente, e ideal em uma mulher.

Um joven patricio sentira se fascinado pelos encantos da gentil menina, a ponto de sentir por ella o mais vivo e respeitoso amor. Chamava-se Valeriano e estava como Cecilia na flôr dos annos. Era formoso, rico e d'illustre familia; além d'isso conservava, no meio das depravações da Roma d'aquellas eras, uma grande pureza de costumes e um caracter de privilegiada lealdade e nobreza.

Cecilia, instigada pelos paes e levada de admiração pelos dotes verdadeiramente excepcionaes do moço pagão, consente em desposar-o, obedecendo porem a reconditos projectos e determinando offerecer intacta ao Pae celeste que adorava, a flôr da sua purissima virgindade.

Dizem os textos sacros que a casta turbação da virgem foi pouco a pouco serenando, ao passo que, nas suas constantes communicações com o Ceu, se convenceu de que ficaria ao abrigo de qualquer macula pela protecção divina e pelo fervor da sua propria virtude.

Julgou então a Valeriano como soberanamente digno do seu amor e não hesitou mais.

Pouparam á joven esposa a observancia dos ritos idolatricos; contentaram-se com o cumprimento das antigas ceremonias que symbolisavam os seus direitos e deveres.

¹ *Absconditum semper evangelium Christi gerebat in pectore.*

Depois, tendo sahido da casa de seus paes no campo de Marte, acompanhou Valeriano á residencia d'este, não longe da ponte Milvia, na região transtiberina.

Quando Cecilia transpoz o limiar do palacio que ia habitar, apresentaram-lhe a agua como signal da castidade conjugal, a chave dos aposentos como o da vigilancia domestica e fizeram-a assentar sobre uma pelle ovina, o que significava que não deveria envergonhar-se de fiar a lã como suas avós e encarregar-se dos cuidados mais communs ao governo da sua casa; salutaes ensinamentos que o paganismo sabia dar ás suas mulheres!

Os dois esposos passaram ao *Triclinium* onde, no fim do banquete, se cantava o epithalamio. Um côro de musicos encheu a casa com os sons harmoniosos dos seus instrumentos: momento de transporte sensual e de louca alegria, como era commum entre os noivos.

Por um contraste que estava na propria essencia da religião da cruz, foi este momento o que a Providencia escolheu para conceder á esposa de Valeriano o seu mais insigne favor.

Provocada, de certo modo, pela harmonia terrestre, a alma da virgem que tivera o antegosto de uma outra bem differente harmonia, subiu rapidamente mais alto e bem depressa deixou de ouvir os accordes humanos que vibravam ainda na sala.

Uma outra musica mais divina, outras harmonias mais novas se faziam ouvir na região celestial e vibravam em seu coração—verdadeiros concertos d'anjos

Que palavras humanas poderão dar jamais uma ideia d'aquella poderosa e esplendida harmonia?

Tel-a hão porventura algum dia sonhado os grandes genios da musica sacra—os Palestrina, os Pergolesi, os Haendel, os Bach?

Na encantadora lenda religiosa que ora vamos desenrolando, querem os escriptores sacros que n'este momento especial da vida de Santa Cecilia, a que chamam *O Extase* se deixasse a joven romana por tal fórma arrebatada e embalar pelos divinos accordes que confundiu a sua alma, o seu coração e a sua voz com os canticos celestes, entoando:

*Fiat cor meum et corpus meum immaculatum, ut non pudore afficiare*¹.

A christandade guardou d'esta scena uma lembrança immorredoura e a Egreja para honrar o sublime concerto que Cecilia ex-

cutava com os espiritos celestiaes, ficou saudando-o para sempre em seus officios como a Rainha da Harmonia.

(Continúa).

LUCIANO CAPET

Eis-nos hoje tendo por missão traçar, ou bosquejar em breves traços, a biographia artistica d'um dos mais extraordinarios violinistas da actualidade, honra e gloria das mais lidimas da sua nobre patria, e orgulho do mundo musical, ao qual pertence plena e amplamente pelo ardor do proselyto, pela convicção artistica, pelo zelo com que se votou ao culto da sua maravilhosa Arte.

Luciano Capet nasceu em Paris no anno de 1873, filho de paes bordelezes. Com quinze annos matriculou-se no Conservatorio da capital de França, na classe de violino, tão superiormente regida por Pierre Maurin, o celebre fundador da *Sociedade dos ultimos grandes quartetos de Beethoven*.

Cinco annos depois da sua entrada no Conservatorio, arrancava nas provas publicas do fim do anno d'estudo, e por unanimidade de jury, o *primeiro premio* de violino, nas condições mais brilhantes e sensacionais. Bastará apontar uma d'ellas. No trecho que lhe foi apresentado para leitura á primeira vista, Capet não se contentando com decifral-o apenas, fez-lhe a transposição simultaneamente, com larga segurança e extrema facilidade.

Lamoureux, o reputado chefe e director de concertos, que havia comprehendido o valor incontestavel do joven violinista, aggregou-o á sua orchestra, e quasi a seguir confiou-lhe o cargo d'alta responsabilidade musical,—de violino sólo dos concertos. O joven laureado justificou do mais brilhante modo a honra que Lamoureux lhe conferira; mas o seu temperamento, independente por instincto, levou-o a reconquistar a sua liberdade d'acção, emprehendendo varias excursões na Belgica, Hollanda e Inglaterra, que foram os prenuncios da sua carreira triumphal de concertista. Percorreu igualmente algumas das principaes cidades francezas, demorando-se mais em Bordeus, a cidade da sua familia, onde lhe conferiram a regencia da aula de violino no Conservatorio d'ali.

No meio d'estas manifestações, prodigalizadas pelo seu talento na provincia e ex-

¹ Possam o meu coração o meu corpo ficar sempre puros, para que nunca em meu pudor me sinta offendida.

trangeiro, Capet voltava de quando em quando a Paris, onde, cada uma das suas aparições era um novo e successivamente mais grandioso successo. D'essas breves aparições é digna de menção especial a

Bruch, verdadeira pedra de toque das illustrações eminentes do violino.

Desejoso de ver o seu merito consagrado pelo publico Allemão, geralmente tão desdenhoso de tudo que não tenha na Arte um



LUCIANO CAPET

que teve logar n'um concerto Lamoureux na epocha 1900-1901, em que Capet tocou com incedível exito e sensacional successo o formoso concerto em *sol* menor, de Max

nome tudesco, Capet resolveu-se a affron-tar-lhe o julgamento, em dezembro d'esse mesmo anno de 1901, dirigindo-se directamente a Berlim, a capital da Prussia e do

recente imperio allemão. Forçoso foi á austeridade e reserva dos criticos allemães renderem se á descripção. Por muito interessantes, e extremamente favoraveis para com a individualidade de Luciano Capet, transcrevemos alguns dos pareceres dos jornaes de Berlim por occasião dos concertos do grande violinista francez, advertindo que são allemães, apreciando um francez, isto é custando-lhe a confessar a verdade, e vencidos pela evidencia dos factos:

«Luciano Capet é o violinista mais pessoal que tenho conhecido. O som é bello, cheio de sonoridade e colorido, d'uma extranha idealisação, mas, mais que tudo isso, o artista revela-se o intermediario d'uma vida intima da mais alta cultura d'alma e espirito, e a sua technica é de clareza tal, que achamos superfluo tudo que podessemos dizer. Entre outros trechos Capet tocou a *aria* tão conhecida de Bach, com um sentimento, nobresa e elevação, como *jámais a ouvira a outro artista*.» E conclue o mesmo critico: «o nome de Capet em breve será familiar entre nós, como o são já outros *virtuosos*, de bem menor merito do que elle possui incontestavel.» *Gazeta de Voss*.

Por seu turno o critico da *Vigia allemã* exprime-se nos seguintes termos: «Luciano Capet imprime em todo o jogo da sua execução a marca indelevel d'uma personalidade forte e consciente. Relativamente á sua technica, Mr. Capet nada tem a recear do confronto com os melhores dos seus confrades. Destingue-o sobremodo o encanto e a grande e sensual potencia do som, bem como o arranco fascinante do jogo, que sempre, ainda mesmo nos passos da maxima bravura, mantem a rigorosa expressão artistico-musical.»

Da *Folha allemã*: Surgiu-nos um novo astro radiante no céu dos violinistas com um outro francez Mr. Luciano Capet. A mais deslumbrante technica, posição do arco magestosa e sempre pura, bem como expressão apaixonada e profundamente sentida, são as grandes faculdades d'esse artista, que provou superabundantemente no grande concerto de Beethoven.»

No *Mundo de segunda feira*, aprecia-se ainda por este modo o grande artista. «Um violinista francez, Luciano Capet, deu-nos a mais grata surpresa. Como som e technica é um dos maiores *virtuosi* existentes, e, o que mais vale e significa, é uma forte individualidade artistica.

Elle occupa na arte um lugar excepcional, e francamente, em presença de personalidades d'artistas do valor de Mr. Capet, sentimo-nos desolados ao passar em revista e

confronto os nossos violinistas allemães!!

Acerca da execução do famoso concerto de Beethoven, op. 61, com orchestra, executado por Luciano Capet com o concurso da admiravel *Sociedade Philharmonica* de Berlim, tão vantajosamente nossa conhecida, diz ainda o critico do *Monitor do imperio allemão*: «O concerto de Beethoven permitiu de se reconhecer as diversas qualidades eminentes do artista.

Na primeira parte a technica foi brilhante e clara, mormente nos *trilos* e no *largo*; na *cantilena* encantou-nos pela fôrma suprema com que soube alcançar o maximo d'effeito, do instrumento.

Finalmente no *rondo* manifestou-nos um temperamento *fuocoso* bem a caracter.»

Sobre o mesmo concerto o critico da *Germania*, procurando attenuar o grandioso effeito obtido pelo artista francez, disse: «O concerto de Beethoven é sempre uma tentativa perigosa para quaesquer artistas que não sejam allemães. (Como resposta a esta ridicula pretensão, reenviamos o articulista ao seu collega do *Mundo de segunda feira*).

Em seguida prosegue: «Mr. Capet tem a sua concepção peculiar d'esta obra prima. Se mais d'um ponto nos não agrada, n'essa concepção, devemos sem nenhuma reserva reconhecer a seriedade profunda com que Mr. Capet se dedicou ao estudo d'este grandioso concerto.»

Fechamos aqui, as transcrições para não alongarmos desmedidamente este artigo, que não é uma desenvolvida biographia, e apenas pretende ser um breve relato da individualidade do famoso artista.

O successo verdadeiramente excepcional alcançado em Berlim, levou o nosso biographado áquella cidade no anno seguinte, de 1902; obtendo, se possivel éra, maior e mais assinalado exito.

Depois d'essa segunda visita á Allemanha, Capet faz-se ouvir na *Sociedade dos concertos*, de Toulouse, na *Haya*, capital da Hollanda, em janeiro do corrente anno, e finalmente nos *Concertos do Conservatorio*, de Paris, onde a sua interpretação de grande concerto de Beethoven produziu o mais fervente enthusiasmo.

A seguir no celebrado salão Erard, e depois no da casa Pleyel, Capet com o eminente pianista Arthur de Greef, de que já nos occupamos em outro numero —, executou no seu conjuncto as admiraveis dez sonatas de Beethoven para piano e violino, divididas em tres sessões, audição inolvidavel que nunca se havia realisado precedentemente, na sua integra, em Paris.

Não queremos antecipar previsões, aliás

faceis, sobre o futuro triumphal que se offerece ao illustre violinista francez. Preferimos antes fazer os mais ardentes votos, de que não se faça esperar muito a vinda de tão preclaro e famoso *virtuose* á nossa capital!

V. F. B.



A expressão musical

(Sob o ponto de vista da Sciencia e da Poesia)

II

Do principio da expressão musical

A Musica pouco actúa sobre os meus sentidos: a maior parte das vezes aborrece-me! Tem-me porém succedido ouvir musica boa e a commoção nesse caso vivissima vem-me então pelo cerebro. O que a estatuaría é para os olhos é-o a Musica, a meu vêr, para o entendimento. Platão dava azas ás Idéas¹ a mim escutando as obras primas da nossa scena lyrica affigurou-se-me ouvir cantar as minhas. Parecia-me assistir a uma conversação divina que quasi teria podido traduzir em minha prosa rude.

Mas quem nos fala assim? Um philosopho tendo por largo tempo meditado sobre questões suscitadas por varias operas nossas, um emulo dos escriptores militantes do seculo xviii, de Rousseau, de Diderot, do abbade Arnaud ou do mathematico e harmonista D'Alembert? De modo algum! Essas linhas vem de um homem que foi dilettante o menos possivel e que se occupou de arte apenas uma vez na vida, por occasião das tentativas realistas do pintor Courbet: tem ellas a assignatura de P. J. Proudhon.²

A julgarmos pela sua volumosa correspondencia Proudhon pouco ou nada devia ter frequentado o theatro. Apenas por duas vezes communica a alguns amigos as suas impressões á sahida de uma representação. Emquanto á Musica, se delle não tivéssemos umas reflexões sobre a Marselheza que elle declara emphatica, empolada, ôca e declamatoria, um paragrapho do seu «Prin-

cipe de l'art» onde elle se pronuncia com bastante injustica contra os concertos e o passo a que alludimos acima, poderíamos imaginar que se conservasse em relação a ella, de um mutismo por assim dizer completo. E eis porque se nos torna preciosa a sua opinião. Proudhon não tinha para pronunciar-se a minima base theorica, não pertencia a esta ou áquella *coterie*, não combatia por partido algum. Ignorava absolutamente as tendencias dos symphonistas contemporaneos pois que nem as obras de Beethoven, nem as de Berlioz, as de Shumann ou as de Liszt lhe eram familiares. Sem duvida, mal lhes sabia da existencia. Deve pois tel-o guiado unicamente o instincto e o instincto, nestes casos, raramente engana. Ora por que indícios pretende elle distinguir a boa Musica da Musica rui? Simplesmente por ella lhe acordar no cerebro ideias que sem ella para sempre nelle teriam permanecido latentes.

Actuar sobre nós, não nos enchendo a alma de um sentimento vago, indeciso, confuso: demasiados artistas limitam a isso a sua ambição — mas, forçando-nos a entrever uma idéa distincta, clara, precisa¹, não será isto o que Proudhon exigia da Musica? Isto o que tem certamente levado todos os innovadores, desde Beethoven, a esforçarem-se cada qual a seu modo por habilital-a a satisfazer um desejo reconhecido justissimo?

Dito o que precede não hesitaremos em assentar nos termos seguintes as bases da verdadeira Esthetica Musical:

O Principio da Expressão assenta na faculdade que possuímos de ligarmos a certas melodias, a certas harmonias e a certas formulas instrumentaes, ideas mais ou menos conscientes, segundo o nosso temperamento, os nossos habitos, preconceitos e relações, a vivacidade da nossa imaginação e o circulo mais ou menos extenso dos nossos conhecimentos technicos.

Que este effeito especial, resultante da associação das idéas se realise em seguida á audição de um drama lyrico de Wagner ou á de qualquer composição vocal de Schumann, de Berlioz, de Liszt, de Brahms ninguém o pôde contestar. A difficuldade porém consiste em determinar se esse facto pôde ou não attribuir-se á Musica. Devemos decerto ter em conta a obra litteraria, no emtanto a facilidade com que consentimos em nos passarmos della sem indicar da nossa parte muita delicadeza, prova pelo menos que

¹ O que talvez não seja tão disparatado como a muita gente pôde parecer: na sua qualidade de «iniciado» Platão devia perfeitamente saber o que dizia...

(trad.)

² «De la justice dans la Révolution et dans l'Eglise». (tome III, page 345, édition de Bruxelles).

¹ «eine feste Gestalt» (Bülow. pag. 45 do livro: *Studien bei H. von Bul*), de V. da Motta.

(trad.).

lhe attribuímos uma importancia muito secundaria. Salvo raras excepções os trechos em que simultaneamente cantam diversos personagens tornam-se, emquanto ao texto, inintelligíveis. No entanto percebemos-lhe quasi sempre o sentido geral, caso a Musica se encontre bem escripta. A Musica tem pois aqui um logar bem pouco equivoco, no que toca á interpretação. Ainda mais, ouvimos sem enfado uma opera italiana ou allemã mesmo quando essas linguas nos não sejam familiares. Pelo contrario, uma peça simplesmente mimada parecer-nos hia insipida. Não resulta deste facto identica conclusão?

Supprimamos agora as palavras que não entendiamos e ao mesmo tempo o *enchimento* musical, se elle existe. Modifiquemos ligeiramente a forma melodica dos themas e o seu acompanhamento, experimentemos quaesquer combinações novas e se a dita opera não era apenas um mosaico sem valôr teremos uma symphonia na qual facilmente encontraremos os traços do primitivo scenario. Esta tentativa realisada sobre o segundo acto do «Tristão e Ysolda» seria perfeitamente concludente. Provaria que a Musica tendo por principal attributo a expressão consegue por seus unicos recursos transmittir-nos impressões analogas ás que provocam em nós os espectaculos da Natureza e os diversos transportes que os choques das paixões nos fazem experimentar.

O compositor, conduzir-nos-ha deste modo atravez as regiões que o talento do poeta soube alindar.

Interrogae o symphonista: se se chama Berlioz mostrar nos-ha no «Harold em Italia» as montanhas solitarias do Tyrol ao decahir do dia: descrever-nos-ha na «Symphonia fantastica» as alegrias, as esperanças, as angustias de um coração adolescente ferido por um pezar de amôr, ou saberá resumir em simples melodia todo o amargo da morte: o repousar mysterioso da tumba, a tristeza, o abandono, o esquecimento. Acham-nos no cemiterio; sobre a lage humida e gelada paira um raio de luar: tudo é immovel em redôr. A monotonia dos accordes a repetirem-se lentamente indica demasiado que nenhum mortal quebra ali o silencio: surge apenas quasi a meio um canto mais agitado. É uma prece ardente, é a consolação, a esperança que sobrevive a todos os infortunios. E aqui a melodia desenvolve, pintando uma pujança de relevo que palavra alguma conseguiria egualar.¹

Do mesmo modo ao final da scena de baile no «Romeu e Julietta» a idéa de combinar dois themas differentes afim de aba-

far pelas sonoridades violentas do que primeiro servira a indicar a tristeza de Romeu, o turbulento motivo da festa que persiste e consegue até por vezes impôr-se, tão grandiosa idéa apenas podia brotar de um cerebro intensamente pensador.

Interrogae agora o dramaturgo: nelle de modo algum se isola o pensamento musical. O seu verbo a um tempo syllábico e phonetico far-nos-ha percorrer a escala completa das paixões humanas. Lembraremos a scena religiosa do primeiro acto do «Parsifal», a imponente energia que imprime ao todo o som dos sinos resoando como por nossas cathedraes gothicas na infancia das solemnidades christãs; o abalo intimo causado pelos côros alternados que se respondem durante o agape? Invade-nos uma especie de fremito á medida que para o céu sóbe a doce psalmodia; um conjuncto de tal modo suave, mystico e celeste que tememos anciosos nos escape o mais infimo som.

E não exerce a scena da Primavera na «Walkyrie» ascendente igualmente fascinante? Quando a sós pela noite em casa de Hundig Siegmund estreita em seus braços a Sieglind ardentemente enlaçada e que uma aragem tenue abrindo de mansinho a janella meio cerrada descobre aos olhos de ambos lá fóra uma paizagem de primavera¹ o mancebo incapaz de dominar a commoção que o invade olha ao longe as arvores em flôr e as folhas mal entreabertas inda sobre as quaes, brilhando como sobre crystaes, rasteja uma leve claridade: e tomado de indizível embriaguez perante tão mysterioso renascer de tudo o que respira, sente a necessidade de juntar a sua voz a esse intraduzível concerto afim de alliviar seu peito do peso que o opprime. Oicamos-lhe o hymno de amôr:

«a lua toda encanto
as nuvens varre,
e doce a Primavera
agita-se ao luar,
e vae a aragem tépida,
mansa e dolente,
tecendo encantos
a palpitar...
no bosque, na planice
vae sussurrando,
sempre levando
o olhar a rir,
e pelos ninhos
vae gorgeando,

¹ *Sieglinde*: (estremecendo assustada):

«Ah, quem sahio neste instante? quem entrou?»

Siegmund: «Ninguem! e no entanto alguém veiu!
Não viste... entrar sorrindo a Primavera?!

Wagner. (*Walkyrie*. 1.º acto).

¹ H. Berlioz, op. 7: *Au cimetière*. = *Clair de lune*.

e embalsamando
as flôres a abrir...» (etc.)¹

Ora que seriam estas palavras? Que seria mesmo da situação se a Musica lhe não centuplicasse o encanto e o valôr? O que seria, sem ella, o lyrisimo destes versos:

«fitam-se em louco ardôr
os dois amantes:
unem-se emfim
Primavera e Amôr!»²

Sem ella faltar nos-hia de certo a harmoniosa monotonia dos ruidos exteriores tão superiormente figurada pelo rythmo obstinado de um acompanhamento binario emquanto a phrase melodica prosegue desenvolvendo-se em compasso a tres tempos, bem como o effeito especial devido á parte que desempenham na tonalidade as notas do tenor. Sem ella nem mesmo se concebe tão delicioso quadro. A declamação reduzida ás proprias forças nunca conseguiria abordar certos assumptos. A linguagem dos sons vae muito mais alem. As suas intonações illimitadas, intraduziveis quasi, dão-lhe uma flexibilidade maravilhosa. Completa a palavra, mantem-a, supplanta-a. Nada se lhe torna inacessivel. Sabe fixar as visões fugitivas entrevistas durante o somno, introduz-nos em um mundo fantastico e a sua intrevenção mostra-se-nos indispensavel nas obras em que figure o sobrenatural. A «Tempestade» ou o «Sonho de uma noite de verão» de Shakespeare, por exemplo.

Segue-se que a arte musical não deve ser considerada como um modo banal de reprodução, podendo á vontade substituir-se por qualquer outro. Nunca repudiaremos com assaz vehemencia tão tristissima hypothese. A Musica tem a sua esphera de acção toda particular. Tem a sua competencia e a sua incompetencia. No campo que propriamente lhe pertence nem a Poesia, nem a Pintura a podem egualar. Se desaparecesse ver-nos-hiamos privados de toda uma serie de sensações ou pelo menos experimental-as-hiamos apenas em grau muitissimo inferior.

Por outro lado, e já o deixámos entrever, não se applica isto ás manifestações degeneradas da Arte. Temos apenas em vista aqui as concepções de ordem superior, essas em que a expressão exclusivamente domina. Vistas assim a Musica e a Expressão confundem-se, ou antes não existe Musica sem expressão. Ser-nos-ha pois desde já permitido afirmar que o principio da expressão tem a

sua origem na necessidade de satisfazer ás legitimas aspirações da alma humana que á falta de poder attingir os fins que a sollicitam quedar-se-hia incompleta como uma harpa parte das cordas da qual tivesse cessado de vibrar.

(Continúa).

CONCERTOS

Na noute de 13 de Novembro teve logar no salão do theatro de S. João, do Porto, o concerto dado pelo distincto professor e pianista portuense Arthur Ferreira, que se fez ouvir em varias composições originaes suas, taes como Scenas maritimas (em 4 partes) e trez peças varias: Romance, cantiga d'amor e capricho.

Abrilantaram o concerto a sr.^a D. Maria Antunes, discipula de canto da illustre professora Luiza Chiaramonte, um harpista, Paulo Navone, e o quarteto composto pelos srs. H. Carneiro, Benjamin e José Gouveia, e Xisto Lopes. O primeiro ainda tocou dois numeros de violino: Cavatina de Raff e Capricho de Niels Gade.



Em 14 effectuou-se na Assembléa Lusitana um concerto em homenagem ao professor Alfredo Mantua, sendo executados pela orchestra sob a direcção d'este senhor uma *Ouverture* de Verdi, as *Czardas* de Michiels e os *Murmurios do Mondego* do maestro Adolfo Sauvinet. A solo fizeram-se ouvir a sr.^a D. Camilla Casaes de la Rosa, no *Concerto* de Mendelsohn para violino com acompanhamento de orchestra, o sr. D. Manoel Ribas em diversas romanças para canto, o sr. Victorino Silva em uma *Pastoral*, de A. Mantua tambem para canto e os srs. Julio de Azevedo e Antonio Landeiro em trechos de bandolim e guitarra. Os acompanhamentos ao piano foram feitos pelo senhor Andermath da Silva, e á viola pelos senhores A. Paes e Eduardo Silva.

Todos os distinctos amadores foram muito applaudidos bem como o distincto professor a quem era dedicada a festa.



O concerto Suggia teve, como tinhamos previsto, um exito triumphante e marcou uma data inolvidavel na carreira incipiente das duas encantadoras artistas portuenses.

Não nos deteremos em largas apreciações, que seriam a confirmação do que aqui te-

¹ 1.º acto (scena ultima).

² 1.º acto (scena ultima).

mos dito sobejas vezes e a repetição das elogiosas referencias que toda a imprensa de Lisboa dedicou ás duas jovens concertistas, ao constatar a excepcional ovação de que foram alvo.

Guilhermina Suggia é realmente uma creatura áparte no nosso meio artistico, onde de resto não faltam as vocações e mesmo os talentos. Na nossa querida violoncellista ha um mixto de circumstancias tão raras, um conjunto de casos tão felizes, que o crítico que queira desapaixonadamente apreciar o seu trabalho ha-de embaraçar-se forçosamente em um dilemma, d'onde não ha sair: ou se deixou empolgar pela emoção e n'esse caso a propria intensidade d'ella o impedirá de julgar ou quiz analysar a frio a extraordinaria compleição da artista e então teve de furtar-se por caracter, quando não por calculo, á *secousse* emotiva que dimana naturalmente da especial configuração musical da prodigiosa creança.

Poderão estes ajuizar serenamente os promenores da technica e as outras cousas tão bellas, quanto massudas, que os livros nos ensinam, mas são incapazes de comprehender Guilhermina Suggia em toda a chystalidade de uma purissima alma de 18 annos, toda feita de candura e de amor pela sua divina Arte.

Pertencemos nós outros ao numero dos primeiros e confessamos não ter essa invejavel calma, de que tanto carecíamos de resto no papel que havemos de desempenhar nas columnas d'esta revista; por isso, ainda sob o encantamento d'aquella figurinha quasi alada que nos sabe dizer tão portentosas cousas no seu magico instrumento e, apesar de bastantes dias haverem decorrido, mandamos á inspirada concertista o melhor das nossas saudações e o mais entusiastico dos nossos bravos.

Virginia Suggia tem tambem qualidades de uma grande artista e bastaria ouvil-a nas peças de conjuncto com sua irmã, para comprehender que os dotes especiaes que a exornam não são nada vulgares. Acompanha com uma sobriedade e uma intelligencia raras, sublinha todas as intenções sem *pose* nem exagero e encarna-se por assim dizer no espirito do auctor, servindo ao mesmo tempo docilmente os menores desejos da solista: é a acompanhadora ideal.

Mas apresentou-se tambem em solos de piano e mostrou bem que se pudesse dar no estrangeiro alguns mezes de trabalho á sua dilecta arte, conquistaria em breve um logar tão eminente que havia de dar gloria ao nosso paiz.

Não fechamos este artigo, sem deixar re-

gistradas as obras que as duas irmãs executaram n'esta memoravel sessão.

Para violoncello e piano

Concerto, op. 5.....	Davidoff
Andante do concerto op. 20.	D'Albert
Tarantella.....	Piatti
Serenade (2 vezes)	Herbert
Spinnlied.....	Popper
Concerto, op. 104.....	Dvorak
Vito.....	Popper
Wiegenlied.....	»
Tarantella	Cossmann
Nocturno	Chopin
Fleur d'automne.....	Popper

Para piano só

Scherzo, op. 30.....	Chopin
Cantique d'amour.....	Liszt
Rapsodie hongroise, n.º 6..	»

A festa artistica do tenor Gaspar do Nascimento, effectuada a 24 no Salão do Conservatorio, teve numerosa concorrência que dispensou ao talentoso artista uma larga copia de applausos. Não pudemos assistir senão a uma parte do concerto mas agradaram-nos bastante os numeros que lhe ouvimos, nada podendo acrescentar ás apreciações benevolas que o anno passado fizemos a proposito d'este cantor.

Estamos certos que o sr. Nascimento, com a consciencia do proprio merecimento, não hesitará em lançar-se definitivamente na carreira de cantor de concerto e se decidirá a ir ao estrangeiro trabalhar seriamente com algum professor da especialidade.

Tocaram tambem algumas peças n'este concerto os srs. Hernani Torres, que pelo motivo já dito não chegamos a ter o prazer de applaudir, Nicolino Milano, cujos trabalhos na direcção da orchestra da Trindade lhe não tem obscurecido os talentos de *virtuose* e Wenceslau Pinto, o excellente oboista sahido do nosso Conservatorio, a que já aqui nos temos referido com louvôr.

Com um concerto exclusivamente mozartiano vae inaugurar as seus trabalhos d'esta epoca a *Sociedade de Musica de Camara*.

Terá logar este concerto na quinta feira, 3 no Salão da Conservatorio, constando o programma do *Trio em mi maior*, Sonata para viola d'amor e piano e Quarteto de cordas e terá por executantes os srs. Benetó, Ivo da Cunha e Silva, Lamas, D. Luiz Menezes e Lambertini.

Inhibidos, por motivos já conhecidos, de desenvolver apreciações a proposito d'estes

concertos, desejamos no emtanto para satisfação da legitima curiosidade de alguns amadores, descrever em breves palavras o que seja a *viola d'amôr*, instrumento pela primeira vez tocado entre nós a *solo* e portanto quasi desconhecido.

A *viola d'amôr* pertence á cathogoria das antigas violas *de braço*, mas tem a particularidade das cordas *sympathicas* que a caracterisam especialmente.

Alem da montagem das 6 cordas de tripa que lhe é propria¹, tem outro jogo de cordas de latão que passam por baixo do ponto e vibram por *sympathia* quando accionamos as primeiras e para isso basta que se firma as superiores, para que lhe corresponda a vibração dos inferiores, em qualquer dos sons fundamentaes ou dos seus harmonicos.

E' o principio da harpa eolia applicado aos instrumentos d'arco, com a differença que n'aquella as cordas vibram pelo contacto do ar, emquanto que na *viola d'amôr* é a vibração de umas cordas que põe as outras em resonancia.

D'ahi a pureza de som e doçura d'este instrumento.

Parece que data do seculo xvi a invenção da *viola d'amôr*: pelo menos na exposição musical que houve em Brescia no anno de 1898, figurava um instrumento similar com a data de 1500.

Mas só em fins do seculo xvii é que a historia nos aponta o primeiro *virtuose* que se distinguiu especialmente n'este instrumento — o monge dominicano Attilio Ariosti, que nasceu em Bolonha em 1660 (?) e cujo habilitade como instrumentista e como compositor tem sido frequentemente citada.

Querendo recordar a doce e penetrante sonoridade dos instrumentos que se empregavam no tempo em que se passa a sua acção, lembrou-se Meyerbeer de utilizar nos seus *Huguenotes* a *viola d'amôr* para o preludio e acompanhamento da romanza de tenor no 1.º acto d'aquella opera. Gustave Charpentier tambem empregou a *viola d'amôr* na sua *Louise*.

O concertista encarregado de nos fazer ouvir o delicado instrumento na *Sociedade de Musica de Camara* é o distincto violetista Antonio Lamas.

Ex.^{mo} Sr. Director da *A Arte Musical*
Paris, 22 de novembro de 1903.

Meu caro amigo.

Acabo de ler no ultimo numero da sua excellente revista — unico jornal portuguez que actualmente recebo aqui — uma noticia que

¹ Tem ás vezes sete.

sobremodo me distingue e que muito lhe agradeço.

Mas, a par do que na noticia em questão ha de lisongeiro para mim, leio um periodo que, sem me surpreender nem irritar, me enche da mais legitima e natural curiosidade; é este: «Tem-se publicado ultimamente na imprensa acerca de F. de Lacerda umas apreciações que muito gostosamente rectificamos, concorrendo assim, quanto em nós cabe, para que a verdade se restabeleça.»

Ora, esta curiosidade leva-me a pedir lhe a fineza de me indicar ou remetter alguns dos jornaes que se occuparam ahi da minha obscura pessoa, e de me reservar um pouco de espaço em uma das columnas de *A Arte Musical*, pois que se, em meu conceito, taes «*apreciações*» merecem — pelo que expriem, pelo que pretendem e pelo que as determinou — qualquer cavaco, eu quero, por minha vez, «*aprecial-as*», consoante, é claro, o valor *artístico e moral* dos auctores e, por ventura, dos «*inspiradores*» d'ellas...

Creia-me com toda a *sympathia*,
seu amigo e adm.^{or} sincero

FRANCISCO DE LÁCERDA.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Effectuou-se a 28 na egreja do Coração de Jesus o enlace matrimonial do illustre violinista amator sr. Cecil Mackee, com uma gentilissima menina da nossa primeira sociedade, a sr. D. Eponina Salgado Zenha.

A cerimonia foi acompanhada de um excellente programma musical, que compoartava os seguintes numeros:

- | | |
|--------------------------------------|--------------------|
| I. Marche nuptiale..... | <i>Mendelssohn</i> |
| para q inteto d'arcos e piano | |
| II. Entrée de Messe..... | * * * |
| para orgão, | |
| III. Aria..... | <i>Lotti</i> |
| para violino e orgão | |
| IV. Panis angelicus de la Messe..... | <i>C. Franck</i> |
| para canto | |
| V. Air d'église..... | <i>Stradella</i> |
| para violoncello e orgão | |
| VI. Marche festive..... | <i>Gounod</i> |
| para quinteto d'arcos e orgão | |

sendo executantes os srs. Leon Jamet, Francisco Benetó, D. Luiz da Cunha e Menezes, Ivo da Cunha e Silva, Odoardo Nicolai, José Henrique dos Santos e Michel'angelo Lambertini, que quizeram assim prestar uma interessante homenagem a um dos nossos mais distinctos amadores, que é ao mesmo tempo um caracter do mais puro quilate.

A *Arte Musical* felicita cordealmente os sympathicos nubentes, a quem deseja uma interminavel lua de mel.



Consta que no proximo dia 9 dará o professor Rey Colaço um optimo concerto, com o concurso dos nossos primeiros artistas.

Entre as varias peças do programma figura o admiravel *Trio* de Tschaikowski. que já aqui foi tocado em abril de 1901 pelos insignes concertistas Arbós, Rubio e Colaço, e agora será executada a parte de violino por Andrés Goñi e a de violoncello por Moraes Palmeiro.

Rey Colaço tenciona tambem organizar este anno uma serie de concertos populares, com o intuito de propagar na classe menos abastada o gosto pela boa musica.



A expensas de alguns amadores de musica realisou-se este anno em Santarem a festa de Santa Cecilia, com desusada pompa e concorrência.

Foi na igreja parochial de S. Salvador que se effectuou a festividade; orando o rev.º Lopes da Silva, que em eloquente exposição exaltou as virtudes da santa padroeira dos musicos.



Temos em exposição na nossa redacção um magnifico violino, attribuido a Amati e que segundo todas as probabilidades provem d'aquella celebre fabrica cremonense.

E como aviso aos cultores do violino, prevenimos os que o proprietario do precioso instrumento se dispõe a cedel-o em condições relativamente favoraveis.

E' tão raro apparecer um instrumento d'esta ordem á venda que esperamos nos não tomem a noticia como um vulgar reclamo.



O grande pianista portuguez Vianna da Motta partiu para Londres afim de dar ali uma serie de concertos.

Vae em seguida a Berlim e Leipzig, devendo achar-se em fevereiro em Vienna d'Austria onde será ouvido pela primeira vez.



Voltou de novo a effectuar-se na Igreja dos Martyres a festividade em honra de Santa Cecilia promovida pela sua antiga irmandade que como se sabe é composta pelos artistas musicos.

Esta festa que se não realisava ha bons 26 annos foi levada a effeito graças aos esforços dedicados da mesa da dita irmandade de que fazem parte os srs. José Ferreira Braga, Anacleto Libanio Martins, Julio Neuparth, João da Cunha e Silva, Guimarães e Sedrim.

Cantou-se a missa de Catalani, sobre a direcção do eximio mestre de capella da Sé sr. Augusto de Carvalho. A orchestra que se compunha de 40 figuras executou a Symphonia de Julio Soares, e ao sermão um trecho de Julio Gallis, as Scenas Pitorescas de Massenet, terminando com a Marcha triumphal de Meyerbeer.

Consta nos já que a irmandade projecta solemnizar para o anno a sua padroeira com toda a imponencia devendo cooperar na festividade os professores do Conservatorio e todos os artistas musicos da capital.

DO ESTRANGEIRO

Informa um jornal de Munich, que Camillo Saint-Saens se decidiu a emprehender uma viagem musical na Allemanha, dando concertos desde o fim de Outubro ao principio de Novembro em Strasburg (Alsacia) Wiesbaden (Babe) e Carlsruhe (Prussia rhena). Em Wiesbaden premeditavam-se doze concertos symphonicos com eminentes solistas e sob a regencia dos mais distinctos directores, entre os quaes o grande musico francez seria o mais celebre. Saint-Saens executaria pessoalmente o seu *novo* poema symphonico *Africa* para piano e grande orchestra. Segundo o *Menestrel*, a pretendida *nova* composição seria simplesmente uma fantasia musical ouvida em Paris desde 1892, em que Mad. Jaëll a executou nos concertos Lamouroux.



Recebemos e agradecemos uma nova composição do sr. A. Mantua. Intitula-se *Canto amôroso*, sendo uma romanza de corte melódico e expressivo, cuja letra é do sr. Victorino Silva, a quem o compositor a dedicou. A edição é elegante, e deve encontrar-se em breve na posse de todos os amadores de canto.

EDIÇÕES DA CASA
LAMBERTINI

43—PRAÇA DOS RESTAURADORES—49

—**LISBOA**—

Litteratura musical

Ernesto Vieira: — Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol. adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch.....	4\$000
<i>Encadernado com capas especias</i>	5\$500
Ernesto Vieira: — Diccionario musical, ornado de numerosas grav., (2.ª edição)	1\$800
Michel'angelo Lambertini: — Chansons et instruments, renseignements pour l'etude du folk-lore portugais (não está no commercio).....	—\$—
Arte Musical: — Revista quinzenal fundada em 1899 e illustrada com gravuras, cada anno publicado.....	2\$400
<i>Encadernado com capa especial</i>	3\$000
Anuario Musical, fundado em 1900. Luxuosa publicação ornada de muitas gravuras. Cada anno.....	1\$000

Canto e piano

Pereira: — Natus est Jesus, texto portuguez.....	500
Schira: — Sognai, texto italiano.....	300
» L'ultima lagrima, texto italiano.....	300

Violino e piano

Hussla: — Feuille d'album.....	600
---------------------------------------	-----

Piano só

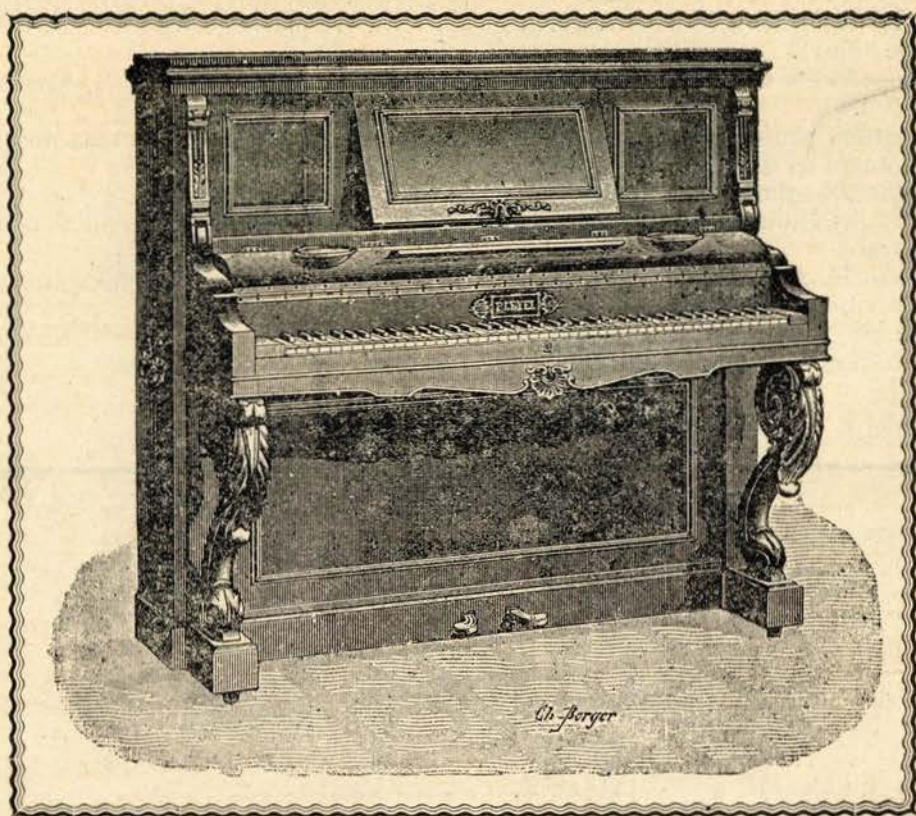
Battmann: — Aida, petite fantaisie.....	40 0
Bellando: — Melodia romantica.....	400
» Nostalgia.....	400
Bomtempo: — Chrysantème, menuet.....	500
Braga: — Perle du Chiado, valse ..	400
Brinita: — Romance sans paroles.....	600
» Menuet.....	400
Carpentier: — Aida, transcription facile.....	300
Colaço: — Fado Hylario.....	600
» Fado corrido e Fado do Pintasilgo.....	800
Daddi: — Rimembranza, valsa.....	400
Furtado: — Zininha, valsa.....	500
Hussla: — Quarta Rapsodia portugueza.....	800
Lacerda: — Canção do Berço.....	400
» Lusitanas, valsas.....	600
Mackee: — Caressante, valsa.....	500
» Honey Moon, valsa.....	500
Mantua: — Grata, valsa.....	500
» Pas de quatre (Broinhas de milho).....	500
» P'ra inglez vêr, valsa.....	500
Mascarenhas: — Celeste, polka.....	300
Oesten: — Clochette des Alpes.....	400
Oliveira: — Caldas Club, pas-de-quatre.....	500
Pereira: — Lisboa á noute, valsa.....	500
Pinto: — Confidence, valsa.....	500
Rover: — Arte Nova, valsa.....	500
Sapetti: — Espoir d'amour, valsa.....	500
Colleção de Fados	800

GRANDE SORTIMENTO DE MUSICAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS DE TODAS AS EDIÇÕES

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG.º GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

ESCOLA NACIONAL DE MUSICA

Fundada em 1 de março de 1903

Rua das Flores, 33, 2.º

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

A matricula abriu no dia 10 de setembro e as aulas começam em 1 de outubro

Cursos: Da Escola, do Conservatorio, e especial para as pessoas que desejem aprender sem fazer exame.

Direcção: Director — Julio de Sousa Larcher. *Secretario* — José Parreira Toscano.

Inspecção: Alexandre de Sousa Moniz Bettencourt, Antonio Eduardo da Costa Ferreira, Carlos Alberto d'Oliveira Gonçalves.

Professores da escola: Alexandre de Sousa Moniz Bettencourt, Antonio Eduardo da Costa Ferreira, Carlos Alberto de Oliveira Gonçalves, David de Sousa, Leon Jamet e madame Jamet.

Professores dos cursos annexos: Julio Camara, Julio Silva, Agustin Rebell e Araujo Pereira.

Os restantes professores serão nomeados opportunamente, na certeza de que serão escolhidos de entre os mais habéis de Lisboa.

Os professores de linguas são das respectivas nacionalidades.

As aulas das alumnas funcionam separadamente e estão sob a vigilancia de uma respeitavel senhora.

Em attenção a alguns pedidos a direcção resolveu abrir um curso annexo de bandolim, guitarra e viola, e uma **aula da Arte de Dizer**, dividida da seguinte fórma: arte de leitura simples, arte de leitura expressiva e arte de recitar.

A secretaria da Escola está aberta todas as noites das 6 ás 10 horas.

MENSALIDADES

Rudimentos.....	1\$200	Instrumentos de palheta.....	2\$500
Preparatorios de canto.....	2\$000	» » metal.....	2\$000
Canto.....	4\$000	Orgão.....	4\$000
Piano 1.º ao 3.º anno.....	2\$000	Harmonia.....	2\$500
» 4.º e 5.º anno.....	2\$500	Contraponto, fuga e composição..	4\$500
» curso superior.....	4\$500	Francez theorico ou pratico.....	2\$000
Rabeca 1.º ao 3.º anno.....	2\$000	Italiano » »	2\$000
» 4.º ao 6.º anno.....	2\$500	Allemao » »	2\$000
» curso superior.....	4\$500		
Violeta.....	2\$000	Cursos annexos	
Violoncello — curso geral.....	2\$500	Bandolim, guitarra ou viola.....	2\$000
» — curso superior.....	4\$500	» » » » aperfeiçoamento	3\$000
Contrabaixo.....	2\$500	Aula da Arte de Dizer.....	2\$000
Flauta.....	2\$500		

Os assignantes e seus filhos teem o desconto de 10 %.

Os collegios teem vantagens especiaes.

No curso especial accresce 500 réis nos preços acima.

Concertos por assignatura

O preço da assignatura é de 6\$000 réis annuaes, facultando-se o seu pagamento aos mezes.

Os assignantes teem direito a 3 concertos annuaes, ás audições dos alumnos e a 2 senhas de admissão para se-nhora em cada concerto.

Teem ainda o desconto de 10 % nas mensalidades da Escola para si e seus filhos, quando frequentem as aulas.

Quando os assignantes queiram mais senhas além d'aquellas a que teem direito, pagarão 500 réis por cada uma.

Os assignantes só entram no goso dos seus direitos depois de terem pago 4 mezes.

Nos concertos de assignatura o preço de entrada para as pessoas que não sejam assignantes é de 800 réis.

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

CURSOS NOCTURNOS

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colação , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Goncalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Elvira Rebello , profes. ^a de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof. de piano e violino, <i>R. Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM